

GEOGRAFIA E ATUALIDADES

com Heitor Salvador

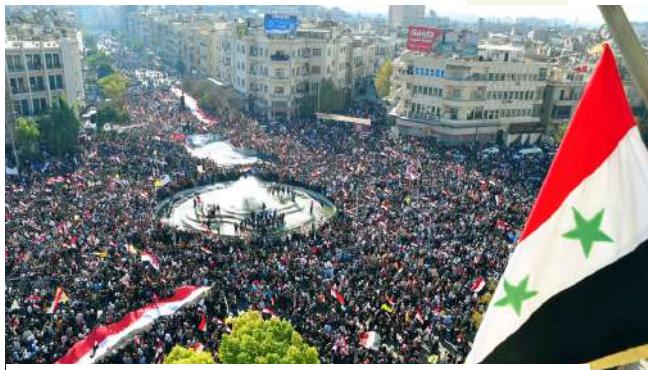


Conflitos no Oriente Médio

GUERRA DA SÍRIA

CONTEXTO DA PRIMAVERA ÁRABE

A Guerra Civil na Síria teve origem na onda de protestos da Primavera Árabe, que começou em 2010 com os eventos no Egito, seguidos por manifestações em outros países árabes. Em 2011, os sírios, inspirados pelas revoluções no Egito e na Tunísia, também iniciaram protestos pacíficos exigindo reformas democráticas e o fim do regime autoritário liderado por Bashar al-Assad.



A Praça Tahrir, no Cairo, Egito. Palco dos protestos contra o governo do Egito durante a Primavera Árabe, 2011.

Fonte: <https://www.estadao.com.br/internacional/olhar-sobre-o-mundo/um-ano-de-primavera-arabe/>

RESPOSTA DO GOVERNO SÍRIO AOS PROTESTOS

No entanto, o governo sírio respondeu com violência brutal, reprimindo os protestos e alimentando a escalada do conflito. Isso resultou na eclosão de uma guerra civil devastadora em 2011, que se fragmentou em diferentes frentes e envolveu uma série de atores locais e internacionais.

A queda de governos em outros países do mundo árabe, como Egito e Líbia, também influenciou o curso dos eventos na Síria, alimentando as aspirações por mudanças políticas e exacerbando as tensões sociais.

INTERNACIONALIZAÇÃO DO CONFLITO

Os Estados Unidos inicialmente apoiaram os rebeldes sírios, fornecendo ajuda militar e financeira para grupos que lutavam contra o regime de Assad. No entanto, a intervenção dos EUA foi limitada e marcada por mudanças de política, o que não foi suficiente para alterar significativamente o equilíbrio de poder no conflito.

O surgimento do Estado Islâmico (EI) na Síria e no Iraque acrescentou uma dimensão ainda mais complexa ao conflito. O EI aproveitou o vácuo de poder na região e ganhou território, impondo seu domínio com brutalidade e espalhando o terror em larga escala.

ENTRADA DA RÚSSIA E DO IRÃ NO CONFLITO

A Rússia, aliada de longa data do regime de Assad, interveio militarmente em 2015 para apoiar o governo sírio. Sua intervenção incluiu ataques aéreos e apoio logístico, enquanto o Irã, como aliado regional, forneceu financiamento, armamentos e

milícias, o que foi crucial para reverter algumas das conquistas dos rebeldes e consolidar o controle do governo sobre certas áreas do país.

PARTICIPAÇÃO DOS CURDOS

Os curdos, por sua vez, emergiram como uma força importante no conflito. Eles estabeleceram uma administração autônoma no norte da Síria e lideraram a luta contra o Estado Islâmico com o apoio da coalizão liderada pelos EUA. No entanto, suas aspirações de autonomia foram contestadas pela Turquia, que vê os grupos curdos como uma ameaça à sua segurança nacional.

A guerra na Síria continua até hoje, com consequências humanitárias catastróficas, milhões de deslocados internos e refugiados, e um país devastado pela violência e destruição. A resolução do conflito permanece incerta, enquanto os interesses locais e internacionais continuam a moldar o seu curso.

CONFLITO NA SÍRIA

Controle territorial do país está fragmentado após seis anos de guerra



Mapa da Guerra na Síria. Fonte: Folha de São Paulo

OS CURDOS

Os Curdos, habitantes de uma área reivindicada como Curdistão, residem em uma região que atravessa quatro nações: Turquia, Irã, Iraque e Síria, abrangendo cerca de 450.000km². Apesar de compartilhar território com Árabes, Persas e Turcos, os Curdos têm uma forte identidade étnica e cultural.

Na sociedade curda, ao contrário da maioria dos países do Oriente Médio, as mulheres desempenham papéis de igualdade e liderança. Esse princípio é refletido na ideologia do Partido dos Trabalhadores do Curdistão (PKK), onde é reconhecida a necessidade de uma teoria feminista para promover a igualdade de gênero em toda a região.

Devido à falta de um estado-nação independente, os Curdos estabeleceram várias organizações políticas, econômicas e militares em cada país onde residem. Estas incluem o PKK, o PYD (Partido da União Democrática), YPG (Unidade de Proteção Popular) e YPJ (Unidade de Defesa das Mulheres), visando melhor representar seus interesses e aspirações como povo.



Área reivindicada para criação do Curdistão. Fonte Al Jazeera



CONTEÚDO COMPLEMENTAR



Leitura:

[Rojava, revolução ameaçada no Oriente Médio](#)

IÊMEN

ORIGENS DO CONFLITO

A guerra civil no Iêmen começou em março de 2015, quando os rebeldes Houthi — um movimento xiita apoiado pelo Irã — derrubaram o governo de Abd Rabbu Mansur Hadi ao ocupar Sana'a em setembro de 2014. Em resposta, uma coalizão de países árabes sunitas liderada pela Arábia Saudita, com suporte logístico e de inteligência dos EUA e do Reino Unido, lançou operações aéreas e terrestres para restaurar o governo reconhecido internacionalmente.

DINÂMICA NAVAL RECENTE

A partir de outubro de 2023, os Houthi passaram a atacar navios comerciais e militares no Mar Vermelho e no Golfo de Aden, justificando os ataques como retaliação à ofensiva israelense em Gaza. Desde então, foram registrados mais de 100 ataques, forçando desvio de rotas e elevando prêmios de seguro marítimo. Para conter essa escalada, os EUA lançaram a “Operation Rough Rider” — uma série de ataques aéreos e navais entre março e maio de 2025 — que mirou radares, depósitos de mísseis e locais de lançamento de drones usados pelos Houthi. Simultaneamente, a União Europeia mantém a missão defensiva Aspides, protegendo rotas comerciais e monitorando contrabando no corredor marítimo do Mar Vermelho.

ATAQUES A NAVIOS MERCANTES

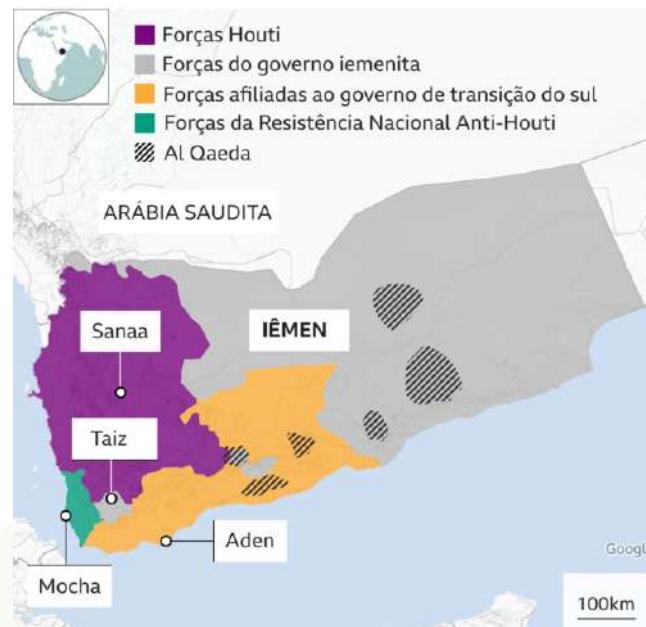
Desde novembro de 2023, os Houthi realizaram mais de 100 ataques a navios mercantes no Mar Vermelho e no Golfo de Aden, afundando duas embarcações, sequestrando outra e

matando ao menos quatro tripulantes, além de danificar diversas outras embarcações. O sequestro mais notório foi o do cargueiro Galaxy Leader em 19 de novembro de 2023, cujos 25 tripulantes permaneceram reféns até o acordo de cessar-fogo em 2025.

IMPACTO HUMANITÁRIO

O bloqueio de rotas de ajuda, aliado à intensificação dos combates, agravou uma das piores crises humanitárias do mundo: mais de 19 milhões de iemenitas dependem de assistência para sobreviver, incluindo mulheres, crianças e idosos. Nas áreas costeiras ocidentais, cerca de um terço das crianças estão gravemente desnutridas, e milhares podem morrer caso os auxílios não sejam restabelecidos com urgência.

Iêmen: Controle por área



CONTEÚDO COMPLEMENTAR



[Grupo do Iêmen e EUA se atacam no Mar Vermelho: guerra está se expandindo pelo Oriente Médio?](#)

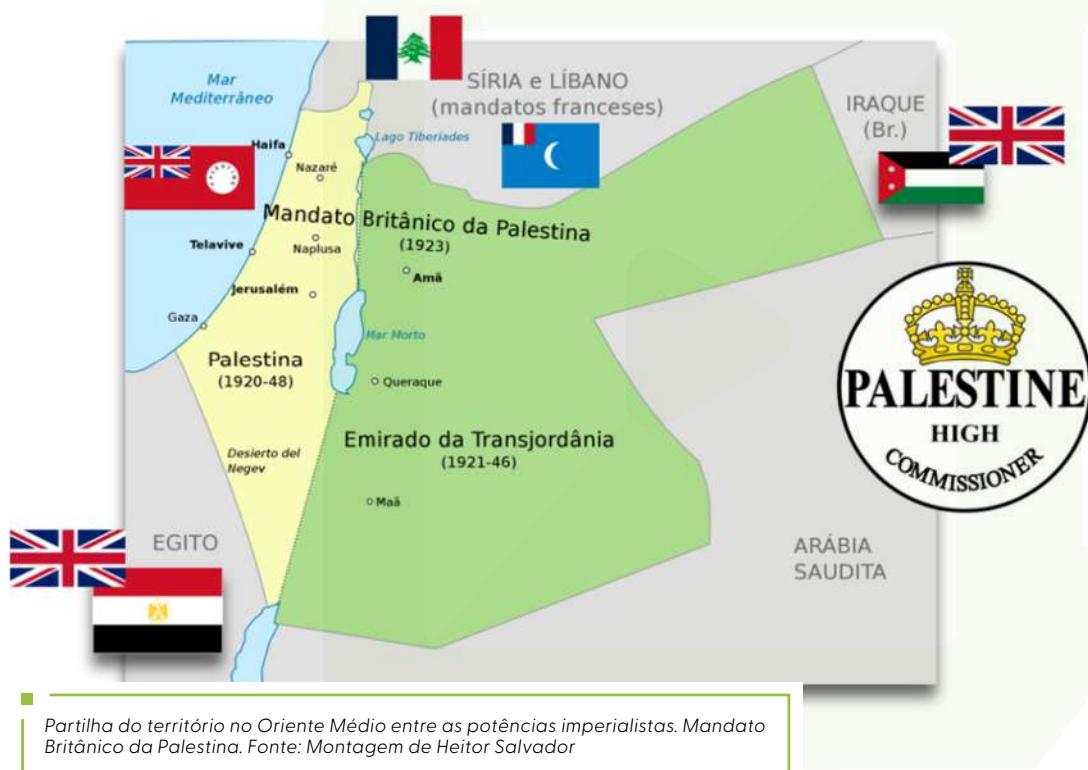
CONFLITO ISRAEL E PALESTINA

MANDATO BRITÂNICO DA PALESTINA E INÍCIO DO MOVIMENTO SIONISTA

No século XIX, surgiu o movimento sionista moderno, fundado por Theodor Herzl, cujo objetivo era criar um “lar nacional” para o povo judeu na Palestina com o apoio do Reino Unido.

Neste momento, o movimento sionista era visto pelos palestinos como uma estratégia colonial britânica.

Gradativamente, a região passou a receber imigrantes judeus, principalmente da Europa Central e Oriental. Com o fim da Primeira Guerra Mundial em 1918 e a partilha do Território Otomano no Tratado de Sèvres, a Palestina passou a ser administrada pelo Reino Unido.



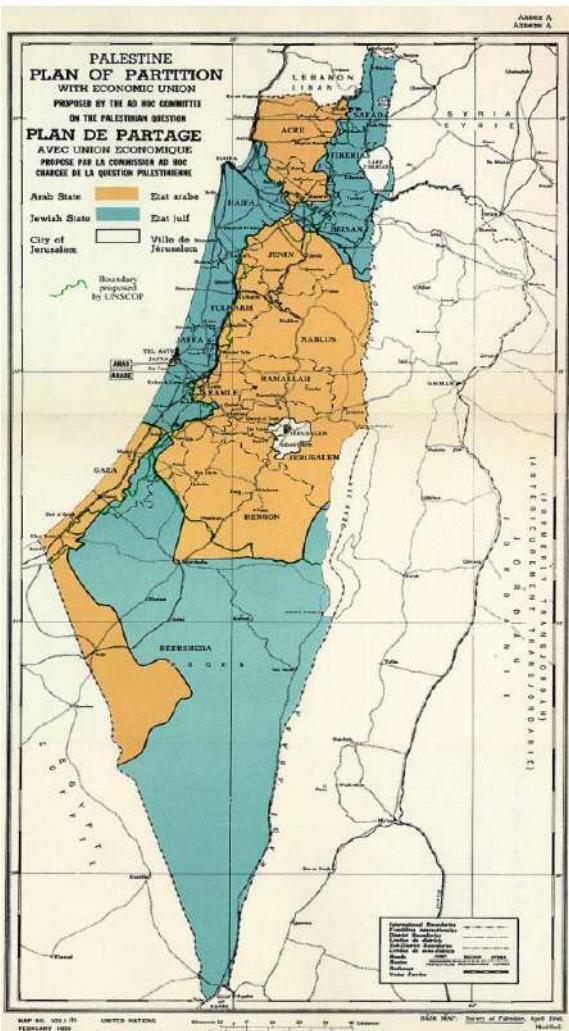
Fonte: Wikipédia.



FIM DA SEGUNDA GUERRA MUNDIAL E FUNDAÇÃO DE ISRAEL

Com o aumento das perseguições aos judeus na Europa e o genocídio de 6 milhões em campos de concentração na Segunda Guerra Mundial (Holocausto), cresce o apoio internacional para a criação de um Estado Judaico.

Em 1947, a Assembleia Geral da ONU, presidida pelo diplomata brasileiro Oswaldo Aranha, aprova a criação do Estado de Israel. Jerusalém e Belém seriam áreas internacionais. Também foi aprovada a partilha da Palestina em dois Estados: um para os judeus, com 53% do território, e outro para os árabes, com 47%. Entretanto, nem a ONU nem o Mandato Britânico da Palestina se comprometeram em traçar estratégias para a criação do Estado de Israel, diante da crescente tensão entre judeus e árabes e das disputas pelo território.



Proposta de criação do Estado de Israel apresentada na ONU

Fonte: Wikimedia Commons.

Fundação de Israel e Guerra de Independência (1948–1949)

Em 15 de maio de 1948, ao término do Mandato Britânico da Palestina, David Ben-Gurion proclamou a independência do Estado de Israel. Imediatamente, a nova nação enfrentou a invasão de tropas egípcias, sírias, iraquianas, libanesas e jordanianas, dando início à guerra árabe-israelense que durou até março de 1949. Ao fim do conflito, Israel não apenas assegurou sua soberania, mas também ampliou suas fronteiras, controlando cerca de 79 % do território anteriormente reconhecido como Palestina.

Nakba: o Êxodo e a “Catástrofe” Palestina

O êxodo palestino resultante, conhecido como Nakba (“catástrofe”), deslocou mais de 700 000 pessoas de suas aldeias e cidades originais. Muitas comunidades foram demolidas ou reassentadas, e os refugiados se espalharam por campos em países vizinhos, onde permaneceram por gerações. Essa perda de lares e terras tornou-se um marco central na memória coletiva palestina e na reivindicação de seu direito de retorno.

Outros conflitos

Após esse conflito, outras guerras foram travadas entre árabes e israelenses ao longo do século, sendo elas:

- * Guerra de Suez (1956);
- * Guerra dos Seis Dias (1967);
- * Guerra de Yom Kippur (1973). Crise do Petróleo



A Guerra dos Seis Dias de 1967 e suas consequências



Fonte: APA

Fonte: APA.

SAÍDA DE ALGUNS PAÍSES ÁRABES DO CONFLITO

O presidente do Egito, Anwar Sadat (1970-1981), percebendo que não poderia vencer o inimigo no campo de batalha, aproximou-se dos Estados Unidos, antes aliado da União Soviética, buscando um acordo de paz com Israel. Em 1979, o Acordo de Camp David foi firmado, no qual Israel concordou em devolver a península do Sinai ao Egito em troca de reconhecimento político e de um pacto de não agressão. Em 1994, a Jordânia seguiu o caminho do Egito ao assinar um acordo com Israel.



Sadat-Egito, Carter-EUA, Begin-Israel

Fonte: GPO/Y. SA'AR.

Primeira Intifada - 1987

A primeira intifada, ou levante popular espontâneo, eclodiu a partir de dezembro de 1987, com a população civil palestina lançando paus e pedras contra as forças militares israelenses. Este levante ficaria posteriormente conhecido como "Primeira Intifada" ou "Guerra das Pedras".

Fonte: Domínio Público.



Infiltrada

ACORDOS DE OSLO

Nos anos 1990, os Acordos de Oslo foram assinados, trazendo esperança para resolver o conflito entre israelenses e palestinos. Mediados pelos EUA, esses acordos buscavam estabelecer dois Estados na região: um judeu (Israel) e outro palestino, incluindo Gaza e a Cisjordânia, apesar de serem territórios descontínuos. Apoiada pela comunidade internacional, essa configuração refletia as fronteiras anteriores à Guerra dos Seis Dias. Os Acordos de Oslo também estabeleceram a Autoridade Nacional Palestina (ANP), liderada por Yasser Arafat, como um precursor do futuro Estado Palestino, encarregado de administrar esses territórios, e marcaram o fim da primeira intifada.

Fonte: Wikicommons.



Yasser Arafat, Shimon Peres, Yitzhak Rabin ao receberem o Prêmio Nobel 1994 após os Acordos de Oslo

LÍDERES ASSASSINADOS POR RADICais

Sadat foi assassinado em outubro de 1981 pela Jihad Islâmica do Egito. Ele foi sucedido por Hosni Mubarak, que deixou o poder após os protestos da Primavera Árabe.



Assassinato de Sadat durante uma parada militar no Cairo

Fonte: Foto de Nakram Al-Akhbar.

Yitzhak Rabin foi assassinado por um extremista de direita judeu em 1995. O acordo com a Palestina era apoiado pela oposição nacionalista, liderada pelo ex-premiê Benjamin Netanyahu, que hoje é o primeiro-ministro atual.



Chefs de Estado no Enterro de Yitzhak Rabin, assassinado por um extremista judeu

Fonte: AP.

SEGUNDA INTIFADA - 2000

Em 2000, Israel ofereceu à Autoridade Nacional Palestina (ANP) o controle integral de Gaza e 90% da Cisjordânia, mas não aceitou que a capital do futuro Estado Palestino fosse em Jerusalém Oriental, nem que os refugiados que viviam nos países vizinhos retornassem, como pleiteavam os palestinos. A ANP recusou a oferta, e o governo israelense retomou a instalação de colônias na Cisjordânia para impedir a devolução desse território.

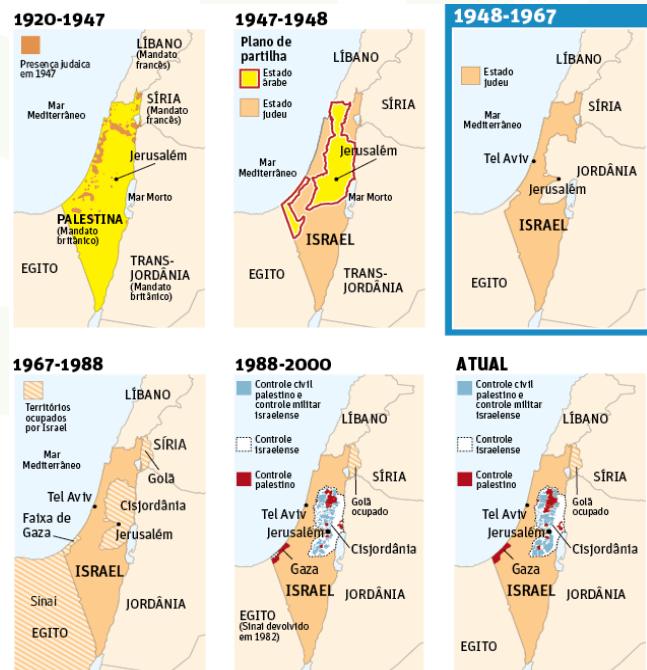
Em consequência, eclodiu a Segunda Intifada e, ao mesmo tempo, intensificaram-se as ações terroristas dos grupos Hamas, Jihad Islâmica e Brigadas dos Mártires de Al-Aqsa (vinculada à Fatah), que passaram a cometer ataques suicidas em território israelense. Em resposta, Israel iniciou a construção de uma cerca de segurança, isolando as comunidades judaicas das palestinas. Em 2004, após a morte de Arafat, ainda houve tentativas de retomada das negociações, mas foram frustradas.

ASSENTAMENTOS JUDAICOS NA CISJORDÂNIA

Desde 1967, Israel estabeleceu colônias judaicas na Cisjordânia, onde vivem aproximadamente 400 mil judeus em mais de 100 assentamentos, cercados por cerca de 3 milhões de palestinos. Além disso, Israel também criou colônias judaicas em Jerusalém Oriental para afirmar sua soberania sobre a área, mantendo

do uma política de expansão dos assentamentos nos territórios destinados ao futuro Estado palestino. Esses assentamentos são considerados ilegais pela lei internacional, mas Israel não cumpriu as resoluções da ONU que determinavam a devolução das áreas ocupadas. O número de assentamentos israelenses nas terras palestinas ocupadas tem aumentado ao longo dos anos.

Detalhe da redução dos territórios palestinos e o avanço de Israel



Fonte: Luiz Muller.

Faixa de Gaza e Cisjordânia

Gaza ocupada por Israel de 1967 a 2005. Em 2006, o Hamas venceu as eleições palestinas e, em 2007, assumiu o controle de Gaza após expulsar o Fatah. Desde então, o Hamas governa Gaza autonomamente, enquanto o Fatah, pela Autoridade Palestina, administra partes da Cisjordânia. Hamas é um grupo islâmico fundamentalista (rotulado terrorista por alguns), e Fatah é um partido secular nacionalista.

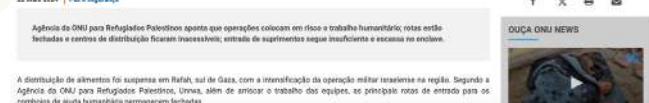
Hamas e Fatah são dois dos principais partidos políticos palestinos. O Hamas é uma organização fundamentalista islâmica que controla a Faixa de Gaza e é considerado uma organização terrorista por alguns países. Por outro lado, o Fatah é um partido secular nacionalista que controla a Autoridade Palestina e governa partes da Cisjordânia. Ambos os partidos têm ideologias e abordagens diferentes em relação ao conflito Israel-palestino.

OFENSIVA DE 7 DE OUTUBRO DE 2023 E A GUERRA EM GAZA

Em 7 de outubro de 2023, o Hamas lançou uma ofensiva surpresa contra cidades israelenses — com foguetes em massa e incursões terrestres que resultaram em centenas de mortos, feridos e reféns — e, em reação, Israel declarou estado de guerra, impondo bloqueio, retomando operações aéreas e terrestres intensas na Faixa de Gaza; nessa fase, o conflito se caracteriza por combates urbanos, elevados números de vítimas civis e uma grave crise humanitária decorrente da escassez de alimentos, água e remédios.



Fonte: <https://www.bbc.com/portuguese/articles/cly99rlnr2go>



Fonte: UNICEF/Media Center | Crianças dormem no refúgio em al-Mawasi, no sul da Faixa de Gaza.

22 Maio 2024 | Paz e segurança

A agência da ONU para Refugiados Palestinos aponta que operações colocam em risco o trabalho humanitário; rotas estão fechadas e centros de distribuição ficaram iracessíveis; entrada de suprimentos segue insuficiente e encosta no encravo.

A distribuição de alimentos foi suspensa em Rafah, sul de Gaza, com a intensificação da operação militar israelense na região. Segundo a Agência da ONU para Refugiados Palestinos, Unrwa, além de ameaçar o trabalho dos equipes, as principais rotas de entrada para os centros de ajuda humanitária permanecem fechadas.

IRÃ X EUA

1951 - CRISE DE ABADÃ

Os iranianos nacionalizaram uma empresa britânica de petróleo, desencadeando uma crise internacional. Os Estados Unidos da América interviveram e o Irã sofreu um golpe. Logo após, representantes eleitos foram destituídos em 1953. A Anglo-Persian Oil Company era a principal empresa britânica no exterior.

1953: GOLPE DE ESTADO

O primeiro-ministro do Irã, Mohammed Mossadegh, foi deposto com a colaboração dos serviços secretos dos Estados Unidos e do Reino Unido, com o objetivo de evitar a estatização das jazidas de petróleo do país. Nos anos seguintes, os países ocidentais apoiaram Reza Xá Pahlavi, que governou de forma absoluta.



Mohammed Mossadegh.

Xá Reza Pahlavi

Fonte: Life.

Fonte: Wikimedia.

1979: A REVOLUÇÃO ISLÂMICA

A desigualdade social no país estava crescendo e o processo de ocidentalização estava gerando descontentamento, especialmente em questões que conflitavam com os valores do xiismo, como o tema do voto feminino. Politicamente, havia um crescente nacionalismo que contestava a submissão do Irã a potências estrangeiras, especialmente os Estados Unidos. Em janeiro de 1979, a Revolução Islâmica foi iniciada, forçando o xá a deixar o país. Sob a liderança do líder xiita aiatolá Ruhollah Khomeini, foi estabelecida a República Islâmica do Irã. No mesmo ano, em novembro, estudantes iranianos invadiram a embaixada americana em Teerã, mantendo 63 funcionários diplomáticos como reféns.



Invasão da Embaixada dos EUA em Teerã.

Fonte: AFP/ GETTY IMAGES.

- **1980:** EUA e Irã suspende as relações diplomáticas;
- **1980:** Iraque com ajuda militar dos EUA invade o Iêmen do sul dando início a guerra;
- **1981:** Os 52 reféns restantes são libertados da embaixada americana em Teerã;
- **1988:** Fim da guerra Irã x Iraque;

CONTROLE E SEGURANÇA DO ESTREITO DE ORMUZ

O Estreito de Ormuz, canal de cerca de 54 km de largura entre o Golfo Pérsico e o Golfo de Omã, é responsável pelo trânsito de aproximadamente um terço do petróleo e mais de um quarto do Gás Natural Liquefeito (GNL) global; a área é monitorada pelo Irã na costa norte e pela 5ª Frota dos EUA na costa sul. Para reforçar a liberdade de navegação após ataques a petroleiros, os EUA propuseram em 2019 o International Maritime Security Construct, uma coalizão militar internacional de vigilância, comando e escolta de navios comerciais na região.

Estreito de Ormuz

Área é estratégica pelo tráfego de navios petroleiros



G1

Infográfico atualizado em: 20/07/2019



DICAS DE FILMES:

PERSÉPOLIS



ARGO, 2012



GUERRAS NO IRAQUE

GUERRA DO GOLFO 1990-1991

Invasão do Kuwait e Reação Internacional

Em agosto de 1990, o Iraque de Saddam Hussein invadiu o Kuwait, citando disputas territoriais e econômicas. A ONU condenou a ação e impôs sanções rigorosas ao Iraque.

Campanha Militar da Coalizão

Após negociações sem sucesso, uma coalizão liderada pelos EUA — com apoio de países árabes e europeus — lançou fortes bombardeios aéreos seguidos de operação terrestre, liberando o Kuwait em fevereiro de 1991.

Consequências Geopolíticas

O conflito reforçou a hegemonia dos EUA no Oriente Médio e instituiu uma presença militar americana duradoura na região.



Caças americanos na Guerra do Golfo.

Fonte: Getty Images.

INVASÃO DO IRAQUE EM 2003 - 2011

Motivações e Início da Invasão

Em março de 2003, os EUA e aliados invadiram o Iraque sob a justificativa de combater o “terror” e neutralizar supostas armas de destruição em massa e ligações de Saddam Hussein com organizações terroristas.

Conquista e Insurgência

Após intensos bombardeios aéreos e avanço terrestre, o regime caiu rapidamente, mas logo se materializaram insurgências violentas, atentados terroristas e tensões étnicas no país.

Captura e Julgamento de Saddam Hussein

Saddam Hussein, ex-presidente do Iraque, foi capturado pelas forças americanas em dezembro de 2003. Julgado por crimes contra a humanidade, foi condenado à morte por enforcamento em novembro de 2006 e executado em 30 de dezembro de 2006.



Fonte: © AP Photo / Jerome Delay

Retirada e Legado

A ausência de provas das armas mobilizou críticas internacionais. Com a saída das tropas americanas em 2011, o Iraque herdou instabilidade política e recorrente violência sectária.

SUDÃO E SUDÃO DO SUL

Guerra Civil e Emancipação

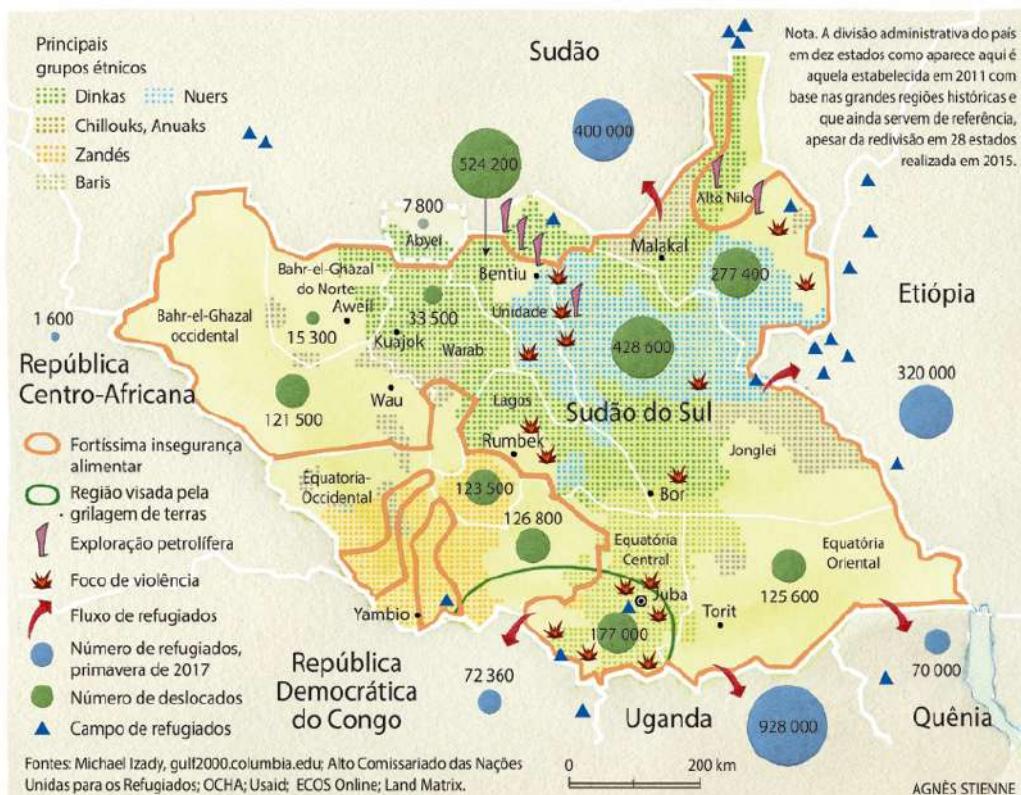
Durante 20 anos, o Exército Popular de Libertação do Sudão lutou por autonomia do Sul. Em 2011, com apoio internacional, o referendo aprovou a separação, criando o Sudão do Sul como um dos mais jovens estados soberanos.

Motivações Religiosas e Econômicas

O Norte muçulmano tentou aplicar a Sharia em todo o território, enquanto o Sul era majoritariamente cristão ou animista (crença em espíritos da natureza e ancestrais). A rivalidade foi intensificada pela riqueza em petróleo e ouro.

Crise Humanitária e Conflito Interno

O Sudão do Sul enfrenta grave fome e deslocamento de refugiados. Desde 2013, a disputa política e étnica entre o presidente Salva Kiir e o ex-vice Riek Machar gerou nova guerra civil, causando milhares de vítimas e grande impacto econômico.



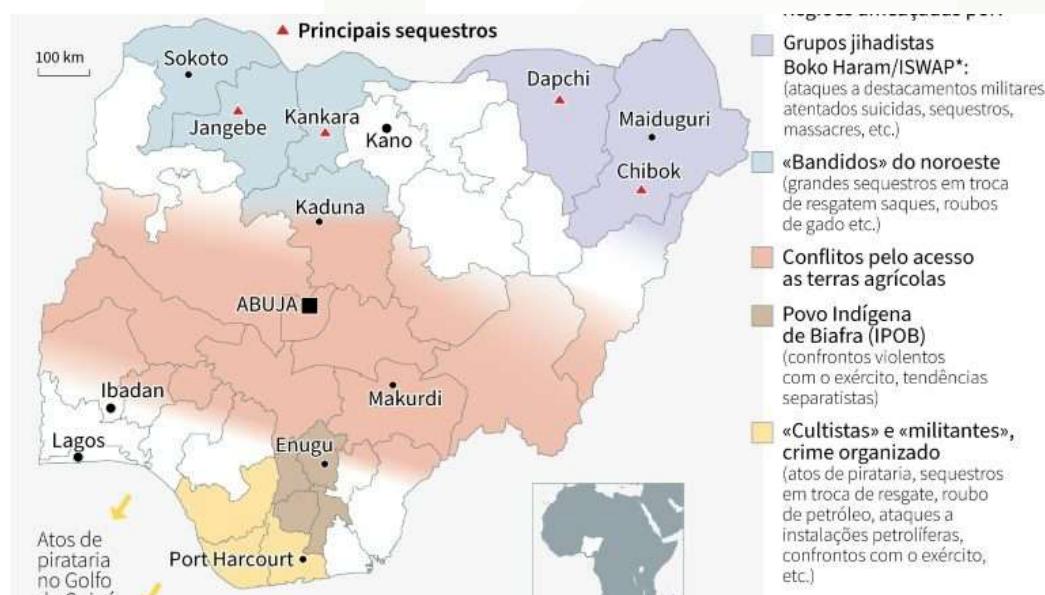
NIGÉRIA

Conflitos Religiosos e Impactos Humanitários

A Nigéria vive tensões desde 1953 entre muçulmanos do Norte e cristãos do Sul, motivadas também pela disputa por recursos naturais, deixando milhares de mortos. Em 2009, o Boko Haram – grupo jihadista radical – causou mais de 15 000 mortes em atentados contra valores ocidentais. Em 2014, ganhou notoriedade ao sequestrar cerca de 270 mulheres para escravidão sexual e combates. Segundo a Unicef, em 2017 cerca de 83 crianças foram forçadas a atuar como bombistas, chocando a comunidade internacional.

Boko Haram: Origens e Dinâmica do Conflito

Ativo desde os anos 2000, o Boko Haram (“Educação Ocidental é Proibida”) busca instaurar um Estado islâmico radical no Nordeste da Nigéria, estendendo-se a Níger, Chade e Camarões. Rechaça valores ocidentais e impõe sua visão extremista da Sharia por meio de ataques terroristas, sequestros em massa e uso de civis como escudos. O grupo agravou a pobreza regional, provocou grandes deslocamentos e desafiou as respostas dos governos locais e da comunidade internacional, dada sua violência e radicalização ideológica.



CAUSAS DA INSTABILIDADE NO SAHEL

1. Insurgência jihadista

- * Grupos como o JNIM (Al-Qaeda) e o Estado Islâmico realizam ataques a forças oficiais e civis.
- * Corrói a autoridade do Estado e gera insegurança crônica.

2. Vacância de poder pós-retirada ocidental

- * Saída gradual das tropas francesa e americana deixou lacunas de segurança.
- * Juntas militares e governos fragilizados não conseguiram preencher esse vazio.

3. Fatores socioeconômicos e ambientais

- * Pobreza extrema e falta de serviços públicos básicos.
- * Conflitos étnicos e disputas por recursos agravados pela seca e desertificação.
- * Armas leves em circulação facilitam a violência local.

Participação russa

- * Apoio paramilitar (Wagner/Africa Corps)
- Treinamento e fornecimento de armamentos às juntas do Mali e Burkina Faso.
- Consolidação de laços por meio do “Africa Corps”, sucessão do Wagner.

* Alinhamento geopolítico

- Moscou posiciona-se como alternativa à antiga influência francesa.
- Promete suporte logístico e equipamentos avançados a governos militares da região.

Esse duplo cenário—fatores internos de fraqueza e a crescente presença russa—alimenta um ciclo de instabilidade política no Sahel.

Países do Sahel incluídos no relatório do Índice de Terrorismo Global



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Escanei o QRcode ao lado para ter acesso as referências bibliográficas

Estamos juntos nessa!



CURSO
FERNANDA PESSOA
ONLINE

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS.